

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM MONTENEGRO
CURSO SUPERIOR EM ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

JENNIFER HAAG



**ENTRE IMAGENS E PALAVRAS INDÍGENAS:
Descobertas de possibilidades educativas com artes visuais na educação infantil**

**MONTENEGRO
2023**

JENNIFER HAAG

ENTRE IMAGENS E PALAVRAS INDÍGENAS:

Descobertas de possibilidades educativas com artes visuais na educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais pelo curso de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mariana Silva da Silva

**MONTENEGRO
2023**

Catálogo de Publicação na Fonte

H112e Haag, Jennifer.

Entre imagens e palavras indígenas: descobertas de possibilidades educativas com artes visuais na educação infantil. / Jennifer Haag. – Montenegro, 2023.

60 f. il.

Orientadora: Prof. Dr^a. Mariana Silva da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Artes visuais, Unidade em Montenegro, 2023.

1. Artes indígenas. 2. Educação infantil. 3. Natureza. I. Silva, Mariana Silva da. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nídila Alonso Guimarães CRB 10/1903.

JENNIFER HAAG

ENTRE IMAGENS E PALAVRAS INDÍGENAS:

Descobertas de possibilidades educativas com artes visuais na educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais pelo curso de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mariana Silva da Silva

Aprovado em: 11/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof.^a Me. Izis Tamara Mineiro de Abreu
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof.^a Esp. Tatiane dos Passos de Oliveira
Professora Convidada Externa

MONTENEGRO

2023

Dedico este trabalho à minha mãe Roselane e ao meu pai Delmar que sempre me ajudaram, incentivaram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à minha orientadora, professora Mariana Silva da Silva. Foi uma orientadora incrível, com seu olhar cuidadoso, suas referências, seu apoio, fez com que esse momento do TCC, que é intenso, tornasse leve.

Agradeço à banca examinadora Izis Tamara Mineiro de Abreu e Tatiane dos Passos de Oliveira, por terem aceitado fazer parte desse momento tão importante para mim.

Também quero agradecer às professoras, Carmen Capra, Izis Tamara Mineiro de Abreu, Juzélia Silveira, Mariana Silva da Silva e Mariane Rotter e ao professor Igor Simões, que fizeram parte da minha trajetória como acadêmica do curso de Artes Visuais- licenciatura na UERGS.

Deisi Nascimento e Jacinta Griebeler (Tita), por fazerem parte da minha trajetória no curso e na vida, pelas trocas e pela parceria, como amigas e colegas, e aos demais colegas pelas trocas dentro e fora da sala de aula.

Obrigada a minha família, meu pai Delmar, minha mãe Roselane, meu irmão Diego, meu parceiro Leonardo e minha cunhada Jenifer, por sempre estarem dispostos a me ajudar e sempre acreditarem em mim, amo vocês!

“**C**abe a uma sociedade decente
lutar para que o outro seja o
que ele quer ser.”

Daniel Munduruku

RESUMO

Entre imagens e palavras indígenas: descobertas de possibilidades educativas com artes visuais na educação infantil, apresenta uma investigação entre artes visuais e educação, que tem como objetivo pensar possibilidades educacionais com as culturas indígenas na educação infantil. Portanto, parte de propostas em sala de aula utilizando materiais como o livro *A Festa da Onça* (2022), ilustrado pelas artista indígena Kássia Borges, em que crianças experimentam linguagens artísticas e técnicas diversas, tais como frotagem, escultura em argila com elementos da natureza, o que conduz a pensar, aprender e se aproximar das culturas indígenas desde a infância. Essa investigação tem como referência artistas, escritores e professores indígenas como, Ailton Krenak, Daiara Tukano, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Kássia Borges e Nei Leite Xakriabá e também da professora não indígena Daniela Linck Diefenthäler, que desenvolve sua pesquisa olhando para a arte na educação infantil. Tais referências são fundamentais para o embasamento dessa escrita e, igualmente, para que pessoas não indígenas possam aprender a partir da diversidade de imagens e palavras de pessoas indígenas. A pesquisa pretende contribuir para o campo da arte e da educação, repensando possibilidades de atividades com crianças voltadas às artes indígenas e à importância de ultrapassar estereótipos que por muitas vezes são reproduzidos nos espaços escolares não indígenas.

Palavras-chave: Artes Indígenas. Educação Infantil. Natureza.

ABSTRACT

Between images and indigenous words: discoveries of educational possibilities in visual arts in early childhood education presents an investigation between visual arts and education, aimed at thinking about educational possibilities with indigenous cultures in early childhood education. For such purpose, it begins with classroom proposals, utilizing materials such as the book *A Festa da Onça (The Jaguar Party, 2022)*, illustrated by the indigenous artist Kássia Borges, in which children explores artistic languages and various techniques, including frottage and clay sculpture with nature elements, which leads to thinking, learning, and an approach to indigenous cultures from childhood. This research has its references in artists, writers and indigenous teachers, including Ailton Krenak, Daiara Tukano, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa, Kássia Borges and Nei Leite Xakriabá, and also the non-indigenous teacher Daniela Linck Diefenthäler, who develops her research looking into art in early childhood education. These references are fundamental to the basis of this study, and also for the non-indigenous people to learn from the diversity of images and indigenous words. The research intends to contribute towards the field of art and education, rethinking possible educational activities with children focused on indigenous arts, and the importance of overcoming stereotypes that are often reproduced in non-indigenous schools.

Keywords: Indigenous arts. Early childhood education. Nature.

SUMÁRIO

1 AS ARTES INDÍGENAS E AS CRIANÇAS	11
2 DESCOBERTAS: A POÉTICA DE KÁSSIA BORGES	16
3 AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DE KÁSSIA BORGES: RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL	26
3.1 DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICOS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHANDO PARA POÉTICA DE KASSIA BORGES	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
BIBLIOGRAFIA	58

1 AS ARTES INDÍGENAS E AS CRIANÇAS

Meu processo de pesquisa foi criando forma a partir da proposta de estudarmos artistas indígenas no componente curricular de História da Arte no Brasil, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, onde curso Artes Visuais-licenciatura¹. Continuei com meu interesse de pesquisa nos dois últimos estágios obrigatórios em escolas estaduais² e junto com meu trabalho em escolas municipais³, onde fui estagiária durante seis anos. Conectando esses percursos entre arte e educação percebi a importância de conhecer mais detalhadamente sobre as artes indígenas e suas culturas.

Ao decorrer de minhas experiências e estudos, percebi que, em algumas escolas não indígenas, as propostas educativas sobre esse tema demonstram ser, muitas vezes, equivocadas, primeiramente porque as culturas indígenas são abordadas quase que exclusivamente no Dia dos Povos Indígenas, quando propõem atividades, muitas vezes, preconceituosas que disseminam estereótipos estéticos de representação desses povos, como o “índio” sendo exclusivamente uma pessoa com uma pena na cabeça e cabelo preto com franja. Atividades como essas criam uma narrativa de que qualquer pessoa não indígena pode imitar uma pessoa indígena, fazendo por exemplo, pinturas corporais aleatoriamente, excluindo toda a significância cultural e identitária que os povos originários possuem. Essa forma de abordagem tanto nas imagens quanto nas palavras, produz a ideia de que existe somente um tipo de indígena, utilizando muitas vezes a palavra índio, que é genérica e não considera as especificidades de cada etnia e reafirma o estereótipo de como é uma pessoa indígena, assim coloca o escritor e professor Daniel Munduruku, em um diálogo, no Itaú Cultural em São Paulo, sobre as palavras e o quanto elas têm poder para as culturas indígenas:

Nós somos da cultura da palavra, palavra para nós tem sentido, palavra para nós tem alma, tem vida. A palavra enobrece ou também ela detona, derruba, destrói. Então, saber usar a palavra para tratar o outro é sinal de inteligência, sinal de humanidade, sinal de tolerância com o outro, e tolerância não é

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), Unidade em Montenegro, RS.

² Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Jorge Guilherme Moojen, Montenegro, RS e Colégio Estadual Dr. Wolfram Metzler, Novo Hamburgo, RS.

³ Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Saúde, Novo Hamburgo-RS, Escola Municipal de Educação Infantil Rincão dos Pequenininos, em Estância Velha, RS, Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim Panorâmico, em Ivoti, RS e Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda, Montenegro, RS.

aquilo que a gente fala, que às vezes a gente ouve: "eu sou tolerante, eu aguento aquele cara, eu suporte ele", não é isso. Tolerância é deixar que o outro seja, não aquilo que a gente quer que ele seja mas aquilo que ele é de fato. E cabe a uma sociedade decente lutar para que o outro seja o que ele quer ser. (MUNDURUKU, 2019).

Pensar nessa colocação é entender que, até hoje, como descrevi acima, utilizamos a palavra "índio" quando nós que não somos indígenas queremos nos referir aos povos originários, pois o termo índio foi criado pelos colonizadores e que se perpetua até os tempos atuais, assim como descreve novamente Daniel Munduruku⁴:

É recaído sobre nós uma palavra, um apelido, e vocês sabem que um apelido não diz quem a gente é. O apelido normalmente diz o que as pessoas acham que a gente é, por isso o apelido bom é aquele que a gente mostra, aparentemente que o outro tem uma ausência, uma falta, pois; se é gordo, magro, branco, preto, pobre, rico, sempre uma alcunha como diria os policiais, é uma forma desqualificada de chamar o outro. A palavra índio está no nosso vocabulário e também no vocabulário dos povos indígenas, porque é algo que foi sendo repetido à exaustão. Nos anos 1970, quando essa juventude começou a olhar, a se perceber parte de uma sociedade maior, que foi assim que começou o movimento indígena, essa juventude usou o termo índio com uma forma de luta, com uma forma de identificação daqueles que eram parceiros, então essa palavra ainda é usada, e se é usada por uma liderança dessa, é nesse sentido. Quando essa palavra é usada pela sociedade brasileira, é no sentido do apelido, no sentido do desdém, é no sentido do estereótipo, no sentido da ideologia, aí nesse caso se a pessoa indígena falar a palavra índio, a gente entende que eles estão usando o termo politicamente, um termo para reforçar o que nós somos efetivamente. Mas quando eu uso a palavra índio dentro de uma sociedade, uma sociedade que olha para mim e diz: "Ele é índio. Uh, uh, uh,", e faz esse gesto por exemplo, ela está me colocando numa classificação digamos, de menos humanidade, aí temos que brigar com isso. Nesse sentido, aparentemente é bom que se informe, as palavras índio e indígenas não são a mesma coisa, a maioria das pessoas acham que uma é a derivação da outra, mas não é. A palavra índio no próprio dicionário está dito isso, não estou inventando, a palavra índio é uma palavra inventada, não tem significado efetivo, não existe essa palavra. Mas se for buscar a palavra indígena você vai descobrir que indígena significa originários, mostrando toda a nossa diversidade, então serve para nós. (MUNDURUKU, 2019).

Portanto, devemos parar de replicar o termo "índio" na sociedade e passar a utilizar a palavra indígena ou propriamente o nome da pessoa a quem estamos nos referindo ou mencionando em nossas propostas educativas. Desta forma, não estaremos excluindo toda a diversidade e individualidade das etnias indígenas existentes no Brasil, sendo mais de 305 etnias espalhadas por todo o território, cada

⁴ No Itaú Cultural em São Paulo.

uma contendo sua cultura e linguagem própria, somando-se ainda, mais de 274 idiomas conhecidos⁵.

Tenho como objetivo mostrar ao decorrer dessa pesquisa, falas dos próprios artistas, professores, filósofos e escritores indígenas e a partir de palavras e imagens dessas pessoas, começar a me conectar e me aproximar das culturas indígenas, considerando como protagonistas as próprias pessoas indígenas. Para nós professoras e professores que não somos indígenas, pretendo reconstruir repertórios não estereotipados como educadora que não faz parte dessas culturas.

É importante reafirmarmos que nas diretrizes educacionais, a lei n.º 11.645 de 10 de março de 2008, contempla as histórias e culturas afro-brasileira e indígena e sua importância na interculturalidade nos espaços educacionais, assim como é descrito no segundo parágrafo:

Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008).

Essa lei carrega como dever falarmos dos povos originários, mas, para ir além disso, precisamos entender como professores não indígenas, a importância de trazermos para dentro das escolas, as histórias e produções artísticas sobre as culturas indígenas, sem reproduzir meros achismos. É preciso procurar falas de pessoas indígenas, suas produções artísticas, leituras de escritores indígenas, como um movimento de respeito e escuta dessas pessoas, pois todas as questões históricas que os povos originários passaram no território brasileiro, desde a colonização até as lutas por direito nos dias atuais, indica a necessidade de destacar que não são uma única pessoa, como aparenta o termo índio, tanto usado, são pessoas indígenas, no plural, que também pertencem a esse lugar que chamamos de Brasil, trazendo suas próprias crenças e formas de estar no mundo, tal como as pessoas que não são indígenas.

Além disso, promover uma educação que seja também um lugar de escuta sobre o que os povos indígenas têm a dizer sobre suas etnias e a conscientização de que a colonização foi um movimento cruel e devastador para eles. Como declara

⁵ Dados esses demonstrados no próprio IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2022.

Daiara Tukano, da etnia Tukano, artista visual reconhecida por seu trabalho como professora e ativista dos direitos indígenas brasileiros, em um diálogo no MAM⁶:

Uma linda brincadeira, porque ainda existem pessoas, que esquecem que povos indígenas, existem! E sempre estivemos na contemporaneidade. A ideia de colocarem os povos para espaços do tempo, preferencialmente no passado, é uma brincadeira um pouco cruel, criada pelo sistema colonial, juntamente de dividir esse mundo, esses olhares entre os mundos deles, dividir a própria arte, separar a arte da vida, colocar o mundo em caixinhas. Então é um convite a repensar talvez outras possibilidades de arte mesmo. Reinventar nossa percepção sobre o que essa palavra possa querer dizer. (TUKANO, 2020).

Como profissionais da educação em artes visuais, deveríamos colocar esses assuntos em pauta, para debatermos e aprendermos juntos a importância do nosso papel no espaço educacional que é pensar em nossos planejamentos, questões históricas que estão muito presentes na arte contemporânea, como as lutas que os povos indígenas traçam, ainda, em pleno século XXI. Em decorrência disso, como trabalhar as artes indígenas e suas especificidades no contexto da educação infantil? Como romper com o modelo básico e banal empregado ao se falar sobre as culturas indígenas e arte contemporânea com crianças na escola? E mais além, como ampliar a discussão também para a comunidade escolar, professoras e trabalhadores da escola?

A arte tem um papel importante dentro do espaço educacional, na função de expressar e comunicar estas ideias, como coloca a professora Daniela Linck Diefenthäler, as práticas pedagógicas com crianças na escola, ou fora delas, podem ir além do senso comum:

Que possa ampliar as nossas reflexões, e que possamos, também nós como professores, deixar nossas marcas como práticas expressivas em artes que permitam ir além dos estereótipos. (DIEFENTHÄLER, 2017, p.7).

Pensando no processo entre arte e educação, precisamos criar planejamentos que percorram por caminhos diversos. E o foco do meu percurso nesta pesquisa é construir possibilidades educativas em artes visuais voltadas para a educação infantil, olhando para as produções artísticas das culturas indígenas, em recorte, as produções da artista Kássia Borges⁷. Porque, além da importância de conhecermos

⁶ MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo.

⁷ Professora doutora em artes visuais da Universidade Federal de Uberlândia, Kássia Valéria Oliveira Borges da etnia Karajá.

mais mulheres artistas na história da arte brasileira, Borges também é uma das primeiras indígenas a ilustrar um livro infantil chamado *A Festa da Onça* (2022).

Trata-se de um livro com uma visualidade voltada ao público infantil, porém com referências culturais não tão evidentes no universo de livros para crianças, marcando o início de uma nova relação com as culturas indígenas e o convite para nos relacionarmos com esta estética ainda desconhecida. Portanto, propor às crianças conhecer essas ilustrações é uma forma de produzir novas relações estéticas e se aproximar dessa diversidade cultural existente no território brasileiro, como aponta Kássia Borges:

Depois de ter experimentado tantas técnicas, volto ao desenho, que é a principal técnica por meio da qual as crianças começam a se expressar no mundo das artes. E, como sempre falo de origem, estou aqui ilustrando um livro infantil, que foi onde começou meu encanto pelo desenho e pela ilustração. (BORGES, p.39, 2022).

A literatura infantil e suas ilustrações, assim como as produções artísticas indígenas, são importantes para que desde a educação infantil as crianças construam narrativas visuais coerentes com a realidade das culturas indígenas.

No percurso deste trabalho, passo a discutir no capítulo *Descobertas: a poética de Kássia Borges*, alguns referenciais da história da arte e como ocorre a exclusão dos povos originários nesse referencial. O objetivo deste capítulo é apontar como continua-se reproduzindo estereótipos sobre as culturas indígenas pelos não indígenas e, assim sendo, essa escrita tem como desejo mostrar a importância de visualizar narrativas que relatam a colonização pelo ponto de vista indígena. Pensando no espaço escolar, principalmente na educação infantil, a importância de se trabalhar materiais produzidos por pessoas indígenas, descubro o livro infantil *A Festa da Onça* (2022), ilustrado pela artista indígena Kássia Borges e também reflito sobre algumas falas da artista sobre sua etnia Karajá e suas vivências como artista indígena.

Já no capítulo intitulado *As produções artísticas de Kássia Borges: relação com a educação infantil*, apresento algumas imagens do livro *A Festa da Onça* (2022), junto a isso coloco alguns estereótipos que se encontram nas escolas não indígenas, sendo assim, relaciono minha investigação com a Cultura Visual e o quanto as imagens ensinam e nos conduzem a criar narrativas, principalmente na educação

infantil onde os espaços são lugares de muitas experiências para as crianças. Nesse trajeto, complemento com o subtítulo chamado *Desdobramentos pedagógicos com crianças da educação infantil: olhando para poética de Kassia Borges*, onde coloco em prática a pesquisa a partir das falas de pessoas indígenas, junto ao livro e possibilidades de atividades educativas para crianças, tendo como possibilidade um ensino percorrido pelas artes indígenas e pelas vivências das crianças.

Desta maneira, como profissionais da educação, precisamos refletir a partir das colocações de Daniela Linck Diefenthaler, Daiara Tukano, Daniel Munduruku e Kássia Borges: a importância de olharmos para produções artísticas e falas indígenas, com outras perspectivas, um convite para ampliarmos nossa visão de mundo, expandirmos nosso olhar crítico e fugirmos dos estereótipos colonizadores, para criamos atividades pedagógicas em artes visuais voltadas para as culturas indígenas, com mais respeito, proximidade e admiração.

2 DESCOBERTAS: A POÉTICA DE KÁSSIA BORGES

Vivemos em um país chamado Brasil, que se destaca por sua diversidade cultural, pois é um território onde antes dos europeus chegarem, viviam pessoas indígenas. Então chegaram os europeus que junto trouxeram de forma cruel pessoas da África, tornando-se assim um país misto, com uma diversidade de culturas. Falar sobre cultura é um processo que perpassa por narrativas históricas, que seguem a percepção de um povo específico. Na narrativa da colonização, os europeus estavam no poder e escravizavam outros povos, anulando suas culturas, impondo suas regras e formas de pensar, colocando-os como “sub-humanidade”, termo que Ailton Krenak utiliza em sua escrita:

São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrado na terra. Parece que eles querem comer terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. (KRENAK, 2019, p.11).

Refletindo sobre o que o Krenak diz, para os europeus a colonização trouxe frutos, principalmente poder e riqueza, mas para as pessoas indígenas foi o contrário, perderam a liberdade de ser e de estar no mundo, muitos distanciaram-se de suas culturas, pois foram escravizados, tendo que se afastar de tudo que acreditavam. Com isso, os não indígenas foram construindo histórias sobre quem eram os povos originários, criando narrativas equivocadas, assim como podemos perceber dentro da história da arte, na época da colonização existiam artistas que retratavam pessoas indígenas e com isso criaram narrativas que nos mostram uma ideia de como foi esse movimento de colonizar e ressaltar a ideia de que os brancos estavam ensinando os indígenas a serem menos selvagens.

Como podemos ver na obra (figura 1) do artista viajante francês Jean-Baptiste Debret⁸ (1768-1848), os colonizadores europeus se impõem sobre o suposto atraso dos nativos por meio da fé cristã e da civilização ocidental. O processo colonizador é compreendido nesse trabalho de Debret em que uma pessoa indígena já catequizada porta uma vestimenta no estilo europeu da época, tendo excluído todas as suas formas originais de existência (figura 2).

⁸ Jean-Baptiste Debret foi um artista e professor francês que integrou a Missão Artística Francesa no Brasil. No Rio de Janeiro, inicialmente, foi fundada uma academia de Artes e Ofícios que mais tarde tornaria-se a Academia Imperial de Belas Artes, onde Debret viria a lecionar. Retratou o cotidiano brasileiro e publicou o álbum *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (entre 1834 e 1839).

Figura 1: *A mulher guarani a caminho da missa de domingo*, retratada pelo francês Jean-Baptiste Debret no início do século XIX.



Fonte: Brasiliana Iconografia.

Compartilho uma descrição da imagem, que acrescenta alguns comentários equivocados do criador dessa obra:

Mostra como parte dessa população já havia incorporado certos costumes dos colonizadores. "Entre esses selvagens o epíteto de 'índio civilizado' significa 'índio batizado'. Os jesuítas, que foram seus senhores antigamente, haviam feito deles seus vassallos e os empregavam como trabalhadores em todos os ofícios, na construção de suas igrejas e de suas fazendas, e na cultura de suas terras. É a essas circunstâncias que se deve o fato de se encontrarem ainda hoje, nos resíduos de sua raça, vestígios desses conhecimentos industriais", escreveu o artista, carregado de seus preconceitos europeus, em seu *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (Equipe Brasiliana Iconográfica, 2022).

Em outra obra (figura 2), a célebre *A primeira missa do Brasil*, do artista brasileiro Victor Meirelles⁹ (1832-1903), podemos perceber que existe uma intenção na pintura, ao fazer um jogo de luz e sombra cujo ponto mais claro encontra-se na cruz e no sacerdote, em colocar em foco um ritual católico, demonstrando o que seria o certo a ser seguido naquela sociedade, aquilo que os europeus acreditavam. Onde está mais escuro, junto a mata, encontram-se esses seres "selvagens" e "exóticos" para os europeus, índios ou os bárbaros do Novo Mundo.

⁹ Victor Meirelles foi um artista brasileiro nascido em Santa Catarina, especializado em pinturas de temas históricos. Foi aluno da Academia Imperial de Belas Artes e estudou na Europa, recebendo influências neoclássicas, românticas e realistas.

Figura 2: Victor Meirelles. *A Primeira missa no Brasil*, 1860, óleo sobre tela, 268,0 x 356,0cm.



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Portanto, a partir das figuras, 1 e 2, é possível perceber quantas narrativas foram produzidas pelas pessoas brancas, sem mesmo terem a capacidade de escutar e aprender com os povos originários, criando preconceitos que se popularizaram, tal como a ideia de que os indígenas só existem nas matas, andam despídos, são preguiçosos e assim sucessivamente, além disso, criando apelidos pejorativos.

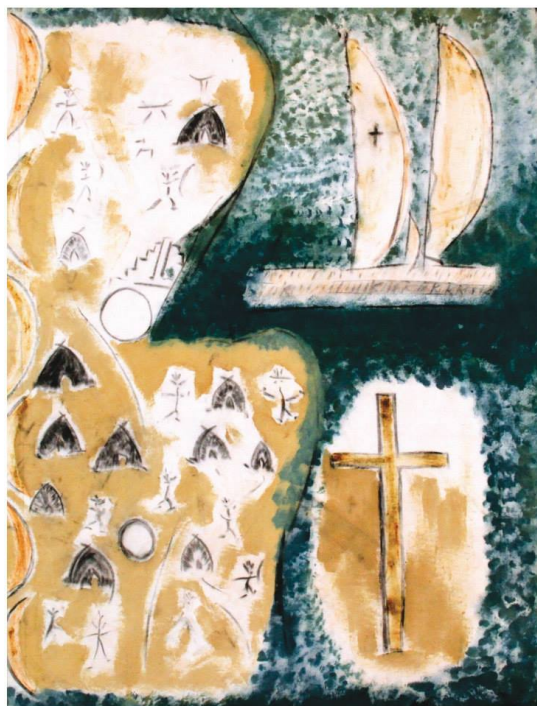
Com isso, podemos tentar compreender, no século XXI, como as artes indígenas inseridas no sistema da arte contemporânea são um movimento de existência e resistência, mostrando que as pessoas indígenas ainda existem, estão presentes na contemporaneidade e, além disso, é um momento de escutarmos e nos aproximarmos dessas culturas, há muito deixadas de lado pelas narrativas criadas pelos artistas não indígenas.

Baseando-se na importância de visualizarmos narrativas artísticas produzidas por pessoas indígenas, apresento como exemplo uma das produções artísticas de Ailton Krenak, uma pintura chamada *As Três Caravelas*¹⁰ (figura 3). A obra constrói uma narrativa do ponto de vista dos povos originários sobre o que sofreram na colonização, ela demonstra que antes da chegada dos europeus, o tempo era de autonomia; após a chegada das embarcações, inicia-se o tempo de invasão, a

¹⁰ A produção artística de Ailton Krenak chamada *As três caravelas* esteve na exposição *Dja Guata Porã*, realizada no museu do Rio de Janeiro MAR, em 2017.

colonização. Essa produção artística é de extrema relevância para refletir sobre tal acontecimento através da perspectiva de um artista indígena.

Figura 3: Ailton Krenak, *As três caravelas*, 2017.



Fonte: Mira Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas.

Pensando a partir da obra mostrada acima, notamos a importância de conhecer as artes e culturas indígenas a partir da visão de artistas indígenas. Em uma entrevista no prêmio PIPA *online* em 2019, o artista Denilson Baniwa reafirma a relevância de artistas indígenas estarem cada vez mais inseridos no sistema das artes, reivindicando-o e nele produzir, expor e falar sobre sua cultura:

Os povos nativos sempre foram representados, expostos e estudados por meio do seu silenciamento. Dessa forma a arte produzida por indígenas, seja ela qual for (artes plásticas, cinema, teatro, fotografia etc.), nunca estará destituída de seu sentido e intenção política, mesmo que inconscientemente. (BANIWA, 2019).

Assim exposto, torna-se necessário relembrar, através da obra de Ailton Krenak e da fala de Denilson Baniwa, como é importante estudarmos as produções artísticas indígenas que estão inseridas no sistema da arte contemporânea, que são, como dito anteriormente, uma forma de resistência: elas existem pela luta e pela reivindicação da sua própria história.

Estereótipos preconceituosos são transmitidos ao longo das décadas, e contribuem para o desencadeamento da falta de conhecimento sobre as culturas indígenas, tornando-se necessário um resgate histórico-cultural para que se possa

conhecer esse sistema de pensamento e existência. Entender que, assim como em outras culturas, as pessoas indígenas carregam uma grande bagagem de conhecimento a ser passado adiante, são povos com costumes, crenças e arte, que acompanham o avanço da sociedade sem desconectar-se das histórias dos seus ancestrais.

Faço, nesta pesquisa, primeiramente, um aceno a abirmos nossas percepções e entendermos que agora é o momento de ampliarmos nossos olhares para as produções indígenas. Portanto, gostaria de fazer um convite para conhecermos a artista Kássia Borges, pois a partir de suas produções, começaremos a embarcar em uma aprendizagem sobre os povos indígenas, mais especificamente sobre a etnia Karajá a qual a artista pertence.

Em uma diálogo no Museus do Índio, Kássia Borges compartilha a história dos Karajás e como apareceram no território brasileiro, chamado mito de origem:

Viviam dentro do Rio Araguaia, não existia finitude, mas gostariam de ver como era o mundo lá fora. Então o Karajá antigo conversou que gostaria de ver como era lá fora, Os karajás antigos tem a cabeça igual um trapézio e uma protuberância na barriga, portanto quando a gente resolveu sair desse buraco para entender como era o mundo lá fora, alguns pelo fato de serem gordinhos ficaram lá dentro e alguns saíram. Quando a gente percebeu, que existia essa finitude, o fim a morte, alguns resolveram ficar, continuar dentro do buraco, outros saíram. Temos uma missão, que é enfeitar as margens do Rio Araguaia. (BORGES, 2021).

Essa história que a artista conta sobre os seus ancestrais, foi conhecida após se formar em Artes Visuais em 1988, e montar um projeto pela FUNAI¹¹ para entrar na aldeia Karajá (Iny), localizada em Goiás nas margens do Rio Araguaia. O principal objetivo era se conectar com sua ancestralidade por parte de pai. Ao chegar na aldeia, reparou que as mulheres não produziam mais cerâmica e nem faziam pinturas corporais, contrariamente a um costume antigo em que as mulheres Karajás nasciam ceramistas e suas ancestrais criavam as bonecas Ritxókó, as quais podemos ver na figura 4.

¹¹ FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

Figura 4: Bonecas Ritxókó, Karajá.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Jeopi-Fwe9E>, 2021.

Suas produções artísticas procuram conectar-se a sua ancestralidade, assim como a artista comenta no Canal da UFU¹²:

Sou professora na Universidade Federal de Uberlândia, de escultura e cerâmica, o meu trabalho como professora e artista, é trabalhar a minha ancestralidade. O que significa isso? a ancestralidade ela vem a partir de uma começo, esse começo significa: Quem são meus pais? Meus avós? De onde tirei essa vontade de fazer cerâmica? Isso tem a ver com a minha ancestralidade. Sou artista indígena Karajá, isso significa que a mulher Karajá nasce ceramista, e elas fazem uma arte que se chama bonecas de Ritxókó, essas bonecas é a arte mais representativa do grupo Karajá, que na verdade se chama inã. Como eu resgato essa ancestralidade na minha cerâmica? Por eu trabalhar com cerâmica e ter uma influência muito grande das Ritxókó. Eu transformo essas Ritxókó que são muito ancestrais, elas se apresentam no meu trabalho como uma busca de origem, que é resgatar minha ancestralidade, e falar disso é resgatar as Ritxókó. Mas como eu sou uma artista contemporânea, essa ancestralidade ela vem a partir de formas de pinturas corporais, as pinturas corporais fazem parte da arte inã. Como eu apresento isso no meu trabalho? Primeiro a terra é na terra que tem essa ancestralidade, é na floresta, são nas histórias que manifestamos nossas ancestralidades, então eu pego essas pinturas corporais Karajás e vou tridimensionalizando essas pinturas corporais na cerâmica. (BORGES, 2023).

A partir da fala de Kassia Borges compartilho nas figuras 5, 6, 7, 8, 9 e 10 alguns trabalhos que estiveram na exposição chamada *Miração*, no MASP¹³, 2023:

¹² Canal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

¹³MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Figura 5: *Mulher Jibóia*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Figura 6: *Mulher Jibóia*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Figura 7: *Shanu, mulher pajê*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Figura 8: *Somos Muitos*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Figura 9: *Somos Muitos*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Figura 10: *Somos Muitos*, 2023. Artista Kássia Borges.



Fonte: Instagram de Kássia Borges.

Kássia Borges faz parte de um grupo de artistas chamado Mahku e o coletivo expôs no MASP em 2023, conforme imagens aqui compartilhadas e também na 35ª Bienal de São Paulo deste mesmo ano. O grupo produz suas poéticas a partir dos

cantos Huni Meka (os cantos que conduzem os rituais com ayahuasca¹⁴). A retomada desses cantos ancestrais criaram o livro *Nixi pae, o espírito da flores* (2006)¹⁵ três anos depois começaram a desenhar esses cantos. Segundo Paula Alzugaray:

O Mahku é formado por 12 artistas, entre eles Isaías Sales (Ibã Huni Ku'i), Cleiber Sales Kaxinawa (Bane Huni Ku'i), Pedro Macario Kaxinawa (Maná Huni Ku'i), Leone Macario Kaxinawa, Acelino Sales e Kássia Borges (Rare Huni Ku'i) – alguns pesquisadores ligados ao campus Floresta da Universidade Federal do Acre (Ufac). Suas telas – coletivas e às vezes assinadas por algum dos integrantes – são sempre traduções visuais dos cantos cerimoniais (músicas para “chamar a força” ou “chamar a jiboia”; músicas para guiar os participantes nos “caminhos da jiboia”; e músicas para conduzir ao final do ritual). Pintadas com acrílico sobre tela, referem-se também às “mirações”, visões decorrentes do consumo da ayahuasca.

O Mahku trabalha vendendo sua produção artística (telas, murais, painéis) para, com a verba adquirida, comprar terras em áreas próximas às áreas indígenas demarcadas no município de Jordão (AC). Assim há o resgate e a manutenção da identidade e igualmente um projeto de manter a comunidade em áreas desapropriadas ao longo dos anos.

¹⁴ Segundo Costa; Figueiredo e Cazenave, "o chá da Ayahuasca vem sendo utilizado milenarmente por índios da América do Sul, como instrumento espiritual e ritual, com extrema religiosidade. (...) A ação do chá deve-se à presença de alcalóides nas plantas utilizadas na sua preparação: o cipó Banisteriopsis caapi e as folhas do arbusto *Psycotria viridis*". Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rpc/a/f3VKrzpFRRqBSST4VdbyX3i/#>>. Acesso em outubro de 2023.

¹⁵ IBÃ, Isaías Sales. **Nixi pae, O espírito da floresta**. Rio Branco, CPI/OPIAC, 2006.

3. AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DE KÁSSIA BORGES: RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

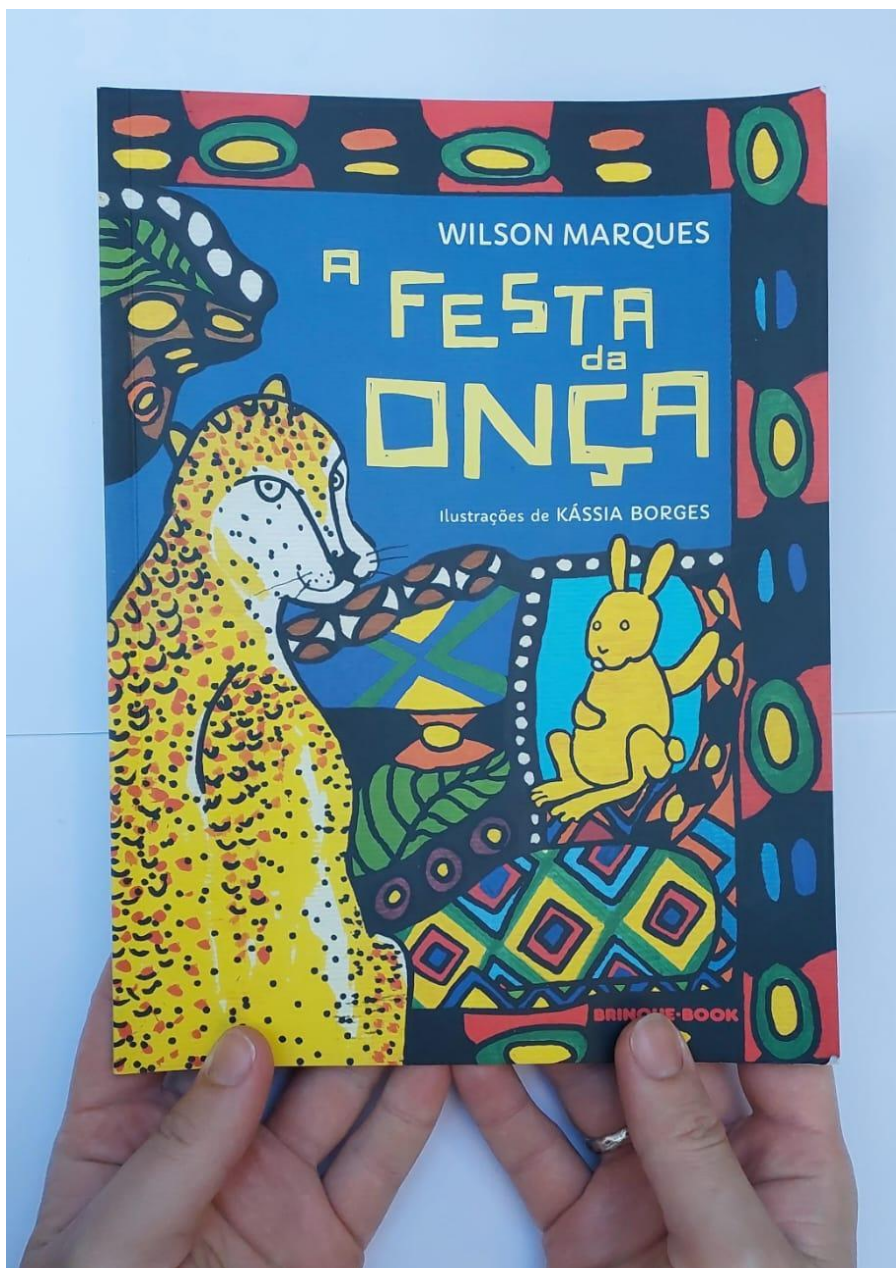
Um dos processos dessa pesquisa é pensar: Quais materiais sobre as culturas indígenas poderiam ser utilizados para embasar propostas pedagógicas voltadas para as artes visuais com crianças da educação infantil? Desta forma, descobri no percurso dessa investigação o livro chamado *A Festa da Onça* (2022) (figuras 11 à 19) ilustrado por Kássia Borges, uma proposta para conhecermos os processos artísticos na perspectiva visual indígena. Tal publicação é muito colorida, com desenhos que representam elementos da cultura indígena do povo Karajá, figuras que sempre estão conectadas com a natureza, como a artista descreve no livro: “meu trabalho fala basicamente das minhas origens” (BORGES, p.39, 2022). As culturas indígenas têm como forma de viver e ver o mundo a partir da natureza, estão o tempo todo conectados com as florestas, rios e animais, portanto, o livro *A festa da onça* representa a fauna brasileira, que desperta muita curiosidade acerca dos animais existentes no Brasil, apresentando também a diversidade cultural linguística do território brasileiro. Ao final do livro, há um glossário explicando o que significa cada palavra e quais são os animais representados.

Todas as narrativas escritas são interpretadas e desenhadas pela artista Kássia Borges. Suas ilustrações falam de cura, de cuidado com esses animais e também apresentam os grafismos indígenas que representam uma diversidade de animais que na escrita não se encontra¹⁶.

É um livro com uma estética visual que não estamos habituados a ver nas ilustrações de livros infantis. Portanto, propor às crianças conhecer essas ilustrações é uma forma de produzir novas relações estéticas e se aproximar dessa diversidade cultural existente no território brasileiro, tendo em vista que a forma com que percebemos as coisas está relacionada com estímulos solicitados pelo nosso entorno, principalmente quando estamos falando da educação infantil.

¹⁶ Tive acesso a essas informações a partir de uma conversa que se deu pelo aplicativo de telefone *Whatsapp* com a artista no dia 26 de junho de 2023.

Figura 11: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 12: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 13: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 14: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 15: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 16: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 17: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 18: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Figura 19: Livro A Festa da Onça, 2022.



Fonte: Fotografia do livro. Acervo pessoal, 2023.

Neste sentido, a professora Daniela Linck Diefenthäler, que trabalha com educação infantil, compartilha em sua escrita um exemplo de como a criança tem acesso a repertórios visuais, partindo de uma experiência dela própria quando criança, de como percebeu as diferentes formas de casa:

As imagens com que tive contato na década de 1980 influenciaram meu imaginário criando conceitos de como eram as casas, como poderiam ser, o que significava. Somos influenciados o tempo todo pela cultura visual que nos cerca, na qual estamos inevitavelmente inseridos e fazemos parte. (DIEFENTHÄLER, 2017, p.19).

Por outro lado, temos a colocação da artista Daiara Tukano que ressalta como o que está a sua volta faz parte da sua forma de pensar as suas vivências:

O que conheço é aquilo que a vida me oferece, então eu sou aquilo que a vida me permitiu ser, porque ninguém escolhe nascer, nem onde se nasce, nem de que se nasce, também ninguém escolhe o que a vida nos dá, a gente vai recebendo transmutando isso, vendo o que a gente faz com isso. Mas eu trabalho com elementos indígenas, trabalho com minhas vivências, que estão num contexto familiar, que por acaso minha família é indígena. (TUKANO, 2017).

Como educadores devemos saber que as crianças na educação infantil não sabem ler as letras, mas conseguem a partir das imagens criar relações com seus cotidianos, assim como Daiara Tukano e Daniela Linck Diefenthäler apresentam, e isso tem a ver com a Cultura Visual, pois estamos o tempo todo cercado por imagens. Tais imagens proporcionam uma forma de aprender, portanto é importante que se crie repertórios visuais que percorram as diversas culturas. Assim como é abordado nesta pesquisa, as culturas indígenas podem criar caminhos que se relacionem com os espaços onde as crianças estão inseridas, criando leituras dessas imagens junto com a mediação do professor, como coloca a professora Juzelia de Moraes Silveira:

A ótica da Cultura Visual, ao entender que todos somos intérpretes daquilo que consumimos visualmente, reforça a concepção sobre a importância de promover esses espaços de discussão sobre as imagens que atravessam nossas vidas, desde a mais tenra idade. (SILVEIRA, 2020, p.9).

Pensar sobre Cultura Visual é entender como professores a importância de não continuar reproduzindo certas falas e imagens que são equivocadas sobre as culturas indígenas, assim como vivenciei por inúmeras vezes quando trabalhei como estagiária nas escolas de alguns municípios, percebi frequentemente narrativas proferidas por educadores não indígenas, como “senta como índio”, ou por exemplo, no alfabeto que está presente nas salas da educação infantil para familiarização dos alunos com as letras, cuja apresentação da letra “l”, na maioria das vezes, é a imagem de uma pessoa indígena com pena na cabeça, sendo que as outras letras sempre são

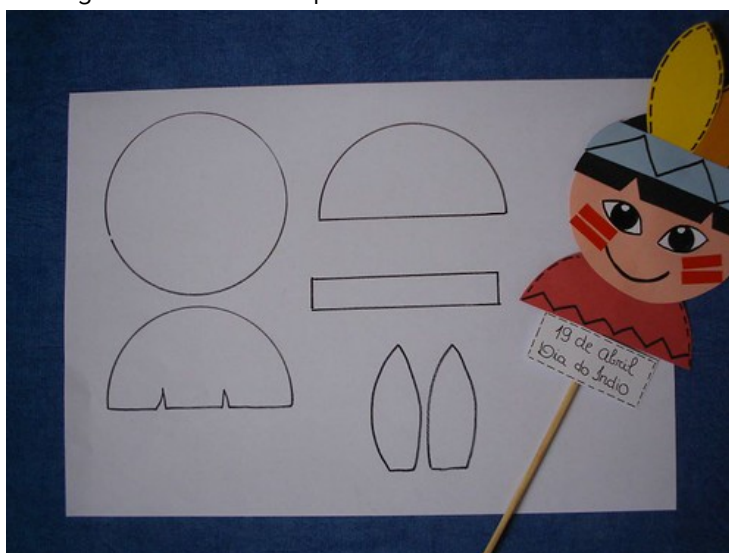
representadas com um objeto ou um animal e o único momento que vemos uma pessoa é exatamente na letra “I” com a representação do “índio”. Outra situação bastante recorrente é a clássica música utilizada na educação infantil chamada *Dez indiozinhos*, encontrada na discografia da *Galinha Pintadinha*¹⁷. Esta é, portanto, uma forma de objetificar uma cultura, trago imagens que estão nos espaços escolares ressaltando esses estereótipos (figuras 20 a 24):

Figura 20: Representação de uma pessoa indígena no alfabeto de algumas escolas.



Fonte: <<https://atividades-escolares1.blogspot.com/2018/10/alfabeto-ilustrado-com-letra-bastao.html?m=1>>.

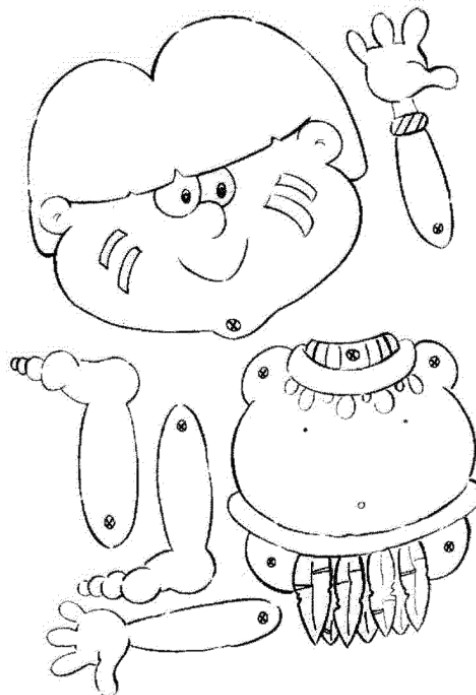
Figura 21: Atividades que se utilizam no dia 19 de abril.



Fonte: <<https://www.artedeensinareaprender.com/2015/04/indio-articulado.html>>.

¹⁷ É um canal do YouTube dedicado a gravar e regravar músicas folclóricas brasileiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D-aC9jcnhgM>>. Acesso em setembro de 2023.

Figura 22: Atividades que se utilizam no dia 19 de abril.



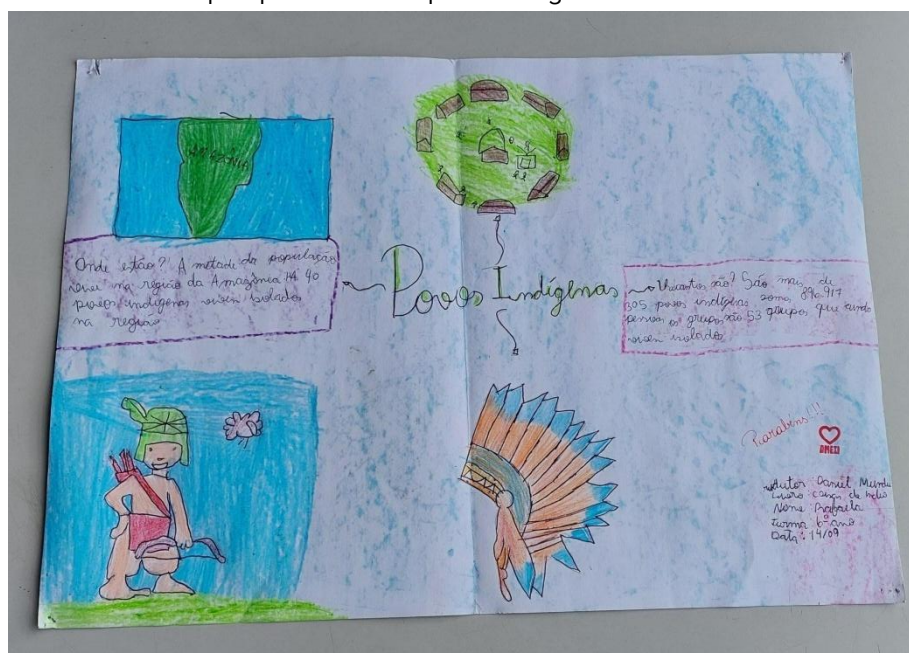
Fonte: <<https://atividades-escolares1.blogspot.com/2018/10/alfabeto-ilustrado-com-letra-bastao.html?m=1>>.

Figura 23: Música *Dez indiozinhos*.



Fonte: Youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=PPfcM7fmZlk>>. 2023.

Figura 24: Atividade de História que o 6º ano do ensino fundamental realizou a partir de uma pesquisa sobre os povos indígenas.



Fonte: Desenho de um trabalho de alunos do 6º ano. Acervo pessoal, 2023.

Ao analisarmos essas imagens, podemos perceber que nas figuras 20, 21, 22 e 23, as atividades reproduzem uma ideia de como são as vestimentas e características indígenas como se todas as culturas fossem do mesmo jeito, e também todas utilizam a palavra índio. Assim, podemos entender como educadores que, na maioria das vezes, criamos essas narrativas dentro dos espaços escolares. Na figura 24, vemos a elaboração de um trabalho com adolescentes, que foi realizado em uma escola estadual localizada no município Feliz-RS, na disciplina de história. A professora pediu que os alunos pesquisassem sobre as culturas indígenas para contemplar o dia 19 de abril, dia dos povos indígenas, porém ela não apontou e contextualizou as narrativas estereotipadas que o grupo de estudantes trouxe, sendo assim, continuaram a construir uma ideia de quem são as pessoas indígenas baseada em estereótipos. As imagens produzidas foram também baseadas em lugares-comuns das culturas indígenas brasileiras (figuras 20, 21, 22 e 23): penas, flechas, e indígenas vivendo somente na Amazônia.

Portanto, é fundamental repensarmos nossas atividades dentro da educação infantil, pois assim quando essas crianças se tornarem adolescentes já terão novos repertórios, ou seja, terão desde a educação infantil acesso a informações que não

são equivocadas, criando novos repertórios sobre as culturas indígenas e tornando-as mais coerentes e respeitosas dentro de nossa sociedade.

Com base nisso, é importante que nas escolas de educação infantil sejam desenvolvidos laboratórios de experiências, um espaço favorável para a oferta de propostas pedagógicas que aproximem as crianças das culturas indígenas, como regulamenta a Base Nacional Comum Curricular de 2018¹⁸, com a locução “intencionalidade educativa”, porque as crianças se desenvolvem a partir das formas, dos sons, das cores, da imaginação, da relação com os objetos, entre outros. Os pequenos que ainda não sabem ler podem produzir conhecimento a partir de propostas de movimentação corporal no espaço, a partir de estímulos, como por exemplo, imagens espalhadas pela sala, canções, histórias sobre as culturas indígenas. Nesse momento, estará se cultivando um desenvolvimento cognitivo relacionado ao tema, e a criança, a partir de suas construções, criará uma narrativa sobre os povos originários e suas culturas, assim sendo, torna-se importante trazer amplas referências e abordagens para criar-se um aprendizado que não reforce velhos estereótipos.

Pensando a partir dessas aproximações com as culturas indígenas e as crianças, levar o livro *A Festa da Onça* (2022) para dentro da escola ou até mesmo elementos utilizados por Kássia Borges em suas produções artísticas, é uma forma de convidar as crianças a visualizar outras formas de produzir arte, como ir além da folha A4, pois como coloca Borges:

Depois de ter experimentado tantas técnicas, volto ao desenho, que é a principal técnica por meio da qual as crianças começam a se expressar no mundo das artes. E, como sempre falo de origem, estou aqui ilustrando um livro infantil, que foi onde começou meu encanto pelo desenho e pela ilustração. (BORGES, p.39, 2022).

Realmente, as crianças começam a se expressar através do desenho, conectando-se com suas memórias afetivas assim como a artista descreve sobre suas produções que estão ligadas às suas origens. Mas será que o desenho está somente relacionado à folha de ofício? Como podemos propor atividades que carreguem um conhecimento sobre as artes indígenas a partir da perspectiva de uma pessoa que faz parte desse contexto, junto com relações que conectam as crianças com seus

¹⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

cotidianos? Quais convites fazer para que as crianças explorem a partir da narrativa do livro experiências que se conectam com suas vivências?

Refletindo sobre essas conexões entre o livro ilustrado por Kássia Borges e suas inúmeras produções artísticas e crianças na educação infantil, surgiu a oportunidade de propor experiências pedagógicas com artes visuais para crianças de 3 a 4 anos numa escola¹⁹ de educação infantil. Tais propostas são importantes para colocar minha pesquisa em prática e vivenciar experiências concretas com as crianças e, além disso, para pensar um material educativo e artístico que convide as professoras e as crianças a experimentar possibilidades de produzir arte, conhecer e se aproximar das culturas indígenas.

3.1. DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICOS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHANDO PARA POÉTICA DE KASSIA BORGES

Passo a pensar na “intencionalidade educativa”²⁰, porque crianças se desenvolvem a partir das formas, dos sons, das cores, das imaginações, da relação com os objetos, com o espaço. Isso tem muita relação com a forma com que as pessoas indígenas se conectam com o mundo, assim como o professor Nei Leite Xakriabá da aldeia Xakriabá coloca:

A cultura que prioriza as mãos traz um engajamento manual, corporal no território—o saber ancorado na interação com o território, que é construído a partir da vivência do seu manejo (plantação, extrativismo, coleta, banho, trânsito, deslocamento) e de suas respostas, uma vez que o território é algo vivo e não mero “recurso”; o corpo visto como uma das sedes da memória e da ancestralidade – memória essa que não está registrada alhures, como em livros, mas no próprio corpo e que é formada de imagens do engajamento do corpo, como a observação da fala dos mais velhos, de acontecimentos no território, fenômenos vivenciados. (LEITE XAKRIABÁ, p.11, 2020).

Refletir sobre isso, e pensar também formas e métodos para a escola não indígena traçar essas relações que as pessoas indígenas têm ao se conectar com a natureza, e olhar de uma forma mais sensível para as coisas. A partir disso, convidar as crianças, com suas memórias afetivas, seus corpos, suas curiosidades e suas vivências a se conectarem com os espaços da escola de uma forma que saia desse engessamento que a cultura ocidental criou, de usar as salas apenas para sentar nas

¹⁹ Escola Municipal de educação infantil Gente Miúda, localizada no Município de Montenegro. Nessa escola sou auxiliar de professora.

²⁰ São os campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular de 2018 que levam ao campo da educação infantil a ideia de “intencionalidade educativa”.

cadeiras ou sentar no tapete e no máximo ir à pracinha para brincar. Mas de que forma podemos explorar esses espaços da escola para além do óbvio? Eu acredito que as artes visuais possuem o poder de fazer com que saímos desse mundo pré moldado e consigamos ir além, ter um olhar mais sensível a esses espaços, um olhar criativo. E as culturas indígenas nos ajudam a olhar à nossa volta e pensar além desses espaços cheios de concretos, pois como Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019 coloca: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza” (KRENAK, p.10, 2019) .

O livro *A Festa da Onça*, 2022, é uma história mostrando a flora e a fauna brasileira, cujas ilustrações são mirações, algo que está ligado com o visível e o invisível, que formam as relações com a natureza e as cosmologias indígenas. Pensando no que se encontra nessas imagens, junto a diversidade de animais e plantas e a forma com que as pessoas indígenas se conectam com esses espaços a partir das suas ancestralidades, pensei, como professora, em convidar os alunos a imaginar o que poderia surgir olhando para as imagens do livro e relacionando com elementos da natureza que deixei expostos em cima de uma mesa, contando a história e propondo relações entre o livro e as coisas apresentadas.

Começo compartilhando o porquê das crianças ficarem em um grande círculo com as cadeiras de frente para a mesa, movimentar as cadeiras que eles, frequentemente, usam de forma a ficarem de frente para suas mesas é criar outras possibilidades dentro do espaço que é a sala de aula. Propus esse formato para que eles pudessem olhar para todos os seus colegas e visualizar o que estava na mesa exposto, juntamente à história que eu estava contando.

No primeiro momento antes de sentarmos nesse círculo, a proposta era que saíssemos para o espaço externo da escola para que pudéssemos coletar esses elementos, para que esse movimento de pensarmos as imagens com os objetos fosse mais convidativo, para que se criasse uma proximidade maior com a proposta, pois eles iriam sair da sala para coletar "coisas da natureza". Porém, não foi possível, porque estamos vivendo em um momento climático de muitas chuvas, então adiei essa proposta por inúmeras vezes.

Figura 25: O espaço da sala e a relação com a proposta.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Estar na escola é também seguir um calendário e já estava complicado continuar adiando, pois a professora titular da turma tinha que propor outras atividades que estavam no calendário da escola, ou seja, a escola é esse lugar de muita vida, movimento e energia e é um ambiente que se modifica o tempo todo, então temos que seguir algumas regras, mas também, aprender a perceber brechas para pensarmos além. Portanto, sempre temos que ter vários planos quando propomos atividades, pois tudo pode acontecer e esse foi um dos casos, porque não conseguimos ir para o pátio. Recebi a ajuda, contudo, de uma amiga que vive em um sítio. Ela coletou folhas com diferentes texturas, galhos, cascas de árvores, paina e flores, para que essa proposta pudesse acontecer, assim como podemos ver nas imagens (figuras 25, 26 e 27).

Figura 26: Contando a história do livro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 27: Elementos da natureza.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Pensei em um material pedagógico a partir da natureza com uma forma de as crianças se conectarem com coisas que vão além de brinquedos e materiais escolares, mas materiais que fossem possibilidades de se conectar com os espaços externos com um olhar mais sensível sobre as coisas que estão ao nosso redor. Esse movimento se torna uma aprendizagem com as artes visuais e com as culturas indígenas, pois, de um forma indireta, é um convite para se relacionar com a maneira com que as pessoas indígenas se relacionam com o mundo, traçando uma relação com a ideia do coletivo Mahku, com as mirações, que vem do Nixi pae, *que é aquilo que vejo e sinto*, assim como podemos perceber o modo com o professor Nei Leite Xakriabá apresenta:

O nosso povo tem formas diferentes de ensinar e aprender, que costumamos dizer que é um “ensinar sem ensinar”. As crianças aprendem simplesmente observando uma pessoa mais velha fazendo o seu trabalho. Aprendem brincando, vadiando. (LEITE XAKRIABÁ, 2021).

Eu gostaria de ter ocupado o espaço da pracinha de um outro modo, que era sentar no chão, fechar os nossos olhos e sentir os elementos e descrever quais seriam as nossas percepções, mas como descrevi anteriormente, isso não foi possível pela questão do clima. Sendo assim, naquele momento dentro da sala de aula, percebi que vendar os olhos das crianças não iria funcionar, pois eles queriam logo encostar nos materiais, assim como podemos ver nas fotografias (figuras 28 e 29), esse movimento deles é uma forma de aprender e de construir novos repertórios visuais e relações com os materiais disponíveis a partir da proposta.

Figura 28: Sentindo as texturas e brincando com a paina.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 29: Sentindo as texturas e brincando com as folhas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

É uma forma das crianças criarem suas próprias narrativas, entre o imaginário e o real, construir formas de se socializar com os pessoas, experimentando, vivenciando e aprendendo, a partir das propostas entre experimentação com os elementos da natureza e a história e suas ilustrações indígenas (figuras 25 à 29), assim como traz o livro chamado “*O trabalho do professor na educação infantil,*” 2014, a importância de construir nesses espaços possibilidades em artes voltada para as culturas indígenas, sem criar uma finalidade:

O principal papel do professor fica sendo o de organizar os contextos e as oportunidades, sem conduzir as crianças a resultados predeterminados. Sua função é voltada a conhecer os percursos possíveis de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. (OLIVEIRA,2014, p.68).

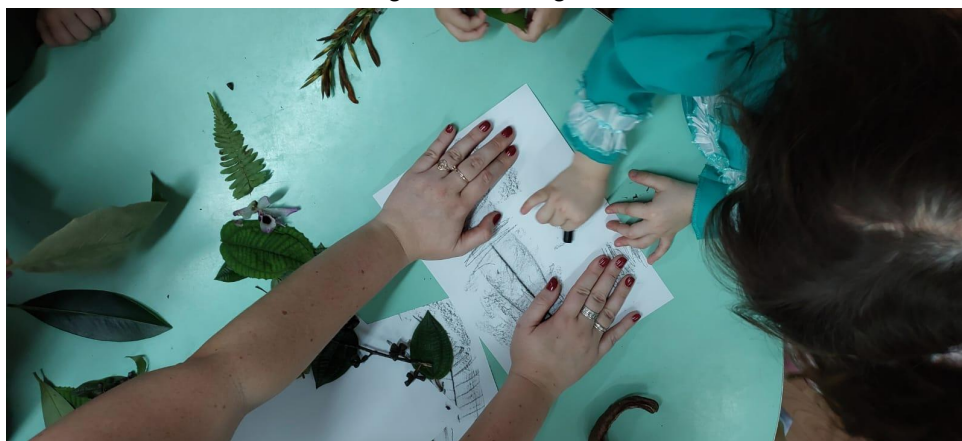
Portanto, quando li o livro *A Festa da Onça*, as crianças chegaram em um momento em que não importava mais a história, mas sim as ilustrações do livro. Assim, começaram a me relatar o que achavam que tinha nas flores, conectaram com o projeto que vinha sendo desenvolvido com a turma sobre as abelhas Jataí, dizendo que elas estavam também nas florestas, que a paina (figura 28) parecia com o pelo do coelho. Começaram também a descrever o que eles estavam vendo nas imagens do livro e assim sucessivamente. Logo depois foram mexendo nos elementos que estavam em cima da mesa (figura 26 e 27), a paina virou uma brincadeira onde assopravam-lá pela sala e corriam atrás; outras crianças se apaixonaram pelas texturas das folhas, surgindo-me então a ideia de propor que criassem as frotagens²¹. Essa proposta, contudo, não estava no meu planejamento. Acredito que isso é o mais

²¹ *Frottage* (do francês *frotter*, esfregar, friccionar) ou frotagem, em português, é uma técnica utilizada por artistas surrealistas, em especial Max Ernst (1891-1976) para capturar texturas de superfícies escolhidas, friccionando um lápis ou um giz sobre um papel em contato com aquela superfície.

enriquecedor de uma proposta: as coisas que surgem ao decorrer da atividade. Quando algumas crianças estavam soprando suas painas pela sala, outras estavam comigo criando as frotagens, como podemos ver nas figuras 30, 31 e 32.

Dessa forma, ocorrem algumas aprendizagens que estão relacionadas com aquilo que o professor Nei Leite Xakriabá comenta, que na aldeia nem sempre precisamos especificar diretamente o que queremos propor, mas focar em propor e vivenciar as experiências ocorrendo na aprendizagem para cada indivíduo, sendo assim, não cheguei para a turma explicando termos sobre as artes indígenas, até porque é uma faixa etária em que não cabe esse tipo de abordagem. Compartilhei, porém, ilustrações criadas por Kássia Borges cuidando quando me referia à artista Borges, utilizando seu nome e quando queria me referir a pessoas indígenas, utilizava essa palavra e não índio.

Figura 30: Frotagem.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 31: Frotagem.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 32: Frotagem.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Propus atividades com referência nas ideias do professor Xakriabá e suas propostas na aldeia, que é vivenciar e experimentar a partir do que as crianças observam, pois é uma forma de se conectar com o espaço e aprender. Ter esse olhar sensível que está ligado às artes visuais, que nos convida a praticar essa sensibilidade para observar os mínimos detalhes, sendo assim, surgem possibilidades de novos repertórios tanto de conhecimento das culturas indígenas quanto propriamente de experiências individuais, a partir disso, propus que nós criássemos nossa própria festa da onça, tornando tridimensional os nossos animais através da argila, como podemos ver nas (figuras 33 e 34).

Figura 33: Criando nossa própria festa da onça.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 34: Criando nossa própria festa da onça.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Deparei-me, entretanto, com a dificuldade das crianças criarem essa tridimensionalidade, pois estão habituadas a usar massinha de modelar com forminhas, onde criam figuras mais planas, sendo assim, tive que mostrar como criava-se essas esculturas de argila. Molhei, então, a argila, sovei-a e comecei a moldar, como podemos ver na figura 33, depois dessa demonstração eles entenderam e começaram a criar seus próprios animais. Assim como compartilha o professor Nei Leite Xakriabá sobre sua própria aprendizagem: “Aprendi cerâmica fazendo os bichinhos de argila, como minha mãe, e depois comecei a fazer as moringas” (LEITE XAKRIABÁ, 2021). Portanto, aprender também é um ato de observar, para depois experimentar.

Após criarmos os animais em argila, deixamos-os secar e em outro momento voltamos para as esculturas e começamos a pintá-las. Neste ponto, observei como se conectaram com as ilustrações de Kássia Borges, pois as buscaram e as utilizaram como referência para pintar seus animais, dizendo que iriam pintar com várias

pintinhas coloridas assim como a onça que é toda pintadinha, iriam deixar seus bichinhos todos coloridos como no livro. Também surgiu uma dúvida entre a turma, sobre utilizar várias cores, porque estão habituadas a só poderem usar uma cor para pintar, pois o que as crianças escutam é que se usar outras cores vão manchar os pigmentos, então expliquei que cada uma iria receber um papel, antes de mudarem de cor poderiam limpar no papel o pincel ou até mesmo experimentar criar outros tons (figuras 35 e 36).

Figuras 35 e 36: Pintando as esculturas de animais.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 37: Pintando as esculturas de animais.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Quando as pinturas secaram, montamos o nosso próprio cenário, para criar a nossa festa da onça, utilizando como referência os elementos da natureza do livro *A Festa da Onça*, que foram guardados para fazer essa montagem e as esculturas criadas pelas crianças (figuras 38 a 43). As crianças se divertiram muito e até hoje nas aulas comentam quando iremos fazer frotagem de novo ou usar argila e pintar.

Figura 38: Onça.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 39: Coelho.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 40: Sapo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 41: Cobra.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 42: Pássaro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 43: Cenário da nossa festa da onça.



Fonte: Acervo pessoal, 2023

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte, para nós, tem forte ligação com a vida, com o nosso dia a dia. As pessoas que não conhecem veem um indígena pintado e imaginam que a pintura busca simplesmente uma beleza para o corpo, mas, na verdade, além da beleza, os traços representam proteção e a tinta traz energias para o corpo. Todos os objetos produzidos têm uma função para a nossa vida. Um colar, um penacho, uma pulseira, um vaso de cerâmica – tudo traz significados e uma história que vai além da beleza envolvida. São objetos utilitários e que, ao mesmo tempo, têm outras funções. (LEITE XAKRIABÁ, 2021).

Penso, a partir dessa colocação, algumas perguntas que permearam minha pesquisa: Como trabalhar as artes indígenas e suas especificidades no contexto da educação infantil? Como romper com o modelo básico e banal empregado ao se falar sobre as culturas indígenas e arte contemporânea com crianças na escola? Quais convites fazer para que as crianças explorem a partir da narrativa do livro experiências que se conectam com suas vivências?

Traçando possibilidades de possíveis respostas a essas questões, penso nas propostas com as crianças, que foram compartilhadas nesse documento, conectar-se com elementos da natureza, criar esculturas de animais com argila, conhecer ilustrações produzidas pela artista Kássia Borges, entrar em contato com algumas falas de pessoas indígenas: formas de se criar relações com as culturas indígenas, sem que nós, que não somos indígenas, nos apropriemos de suas culturas, mas sim, entendamos que a natureza possui muitos elementos que nos convidam a aprender, observar, criar, imaginar, cuidar e respeitar, assim como apresenta o livro *Desemparedamento da infância* (2018) da importância das crianças de se conectarem com a natureza:

A presença da natureza no espaço escolar e em outros territórios educativos, aliada à liberdade para brincar, contribui com processos de aprendizagem que contemplam a autoria, a criatividade e a autonomia da criança. (BARROS, 2018, p.45).

Portanto, é a partir da natureza e com ela, que propus as experiências desenvolvidas na educação infantil. Com um o livro que mostra a natureza, a argila que vem também dela, os elementos que utilizamos para fazer frotagem e sentir as texturas da natureza. A natureza - em conexão com os materiais que foram expostos para a turma conhecer - tão importante para as pessoas e artistas indígenas que

convidou as crianças a criar suas próprias narrativas, aproximando essas experiências de suas vivências cotidianas.

É fundamental, como educadores, entendermos a importância de pensar nesses espaços de criação e aprendizagem, assim como apresenta o livro chamado *O trabalho do professor na educação infantil* (2014):

O espaço oferece ainda oportunidades para o desenvolvimento artístico da criança, pois o coloca diante de diferentes texturas, cores, formas, sons, aromas e gostos, elementos significativos na construção de sentidos variados em relação à sua experiência sensorial e estética (OLIVEIRA, 2014, p.70).

É igualmente muito relevante entendermos que nós, que não somos indígenas, nas experiências realizadas com as crianças, nos conectamos com a natureza de formas completamente diferentes. Foi por este motivo que pensei em partir de uma experiência de sensações de texturas, cheiros, pigmentos, de relações entre o que as crianças estavam experimentando e relatando junto com elementos de suas próprias vivências.

Para as pessoas indígenas, como aquelas da aldeia Xakriabá ou os Karajá, por exemplo, a natureza são os seus ancestrais, é deles que vêm suas formas de conexão. Pois assim como os Karajá que produzem suas Ritxókó, como vimos ao decorrer dessa pesquisa, os Xakriabá também produzem cerâmicas, isso é um material que faz parte da natureza e é dela que essa argila é produzida e junto a isso as aldeias produzem seus artesanatos, ou seja, esse artesanatos são produzidos até hoje pela suas conexões ancestrais, que, por um determinado tempo, poderiam até ser esquecidas, mas tanto Kássia Borges quanto o Nei Leite Xakriabá buscaram reviver essas histórias ancestrais nas aldeias e começaram novamente criar as cerâmicas e as Ritxókó.

Essa pesquisa me fez perceber que precisamos, como educadores, com urgência, criarmos novos repertórios, saindo dos estereótipos, trazendo referências indígenas de ilustradores, escritores, cantores, artistas, em nossos planejamentos. Sendo assim, soma-se uma outra questão que surgiu ao decorrer dessa investigação: Como ampliar a discussão também para a comunidade escolar, professoras e trabalhadores da escola?

Uma das possibilidades é conhecer mais aquilo que é produzido no município onde a escola de nossa atuação está localizada, algo que pretendo fazer futuramente em minha prática docente. Para criar aproximações com as culturas indígenas e entender que existem e estão também nos espaços urbanos. Não no sentido de apropriação, mas de criação de possibilidades para nos conectarmos àquilo que as culturas indígenas promovem junto à infância, pois assim podemos aprender *com* e gerar conhecimento entre as artes indígenas, suas culturas e nossas vivências como pessoas não indígenas dentro da educação infantil.

Acredito que essa pesquisa cria possibilidades a quem a lê, de pensar e entender a importância de começarmos, como educadores, a trabalhar em sala de aula as culturas indígenas, sejam elas locais ou até mesmo de outras regiões.

BIBLIOGRAFIA

ALZUGARAY, Paula. Mahku e o mito do surgimento do nixi pae. Editorial. **Revista Select**. São Paulo, 06/10/2021. Disponível em: <<https://select.art.br/mahku-e-o-mito-do-surgimento-do-nixi-pae/>>. Acesso em outubro de 2023.

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza**. 2º edição. Rio de Janeiro, julho de 2018. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/Desemparedamento_infancia%20(1).pdf> Acessado em 2023.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Presidência da República - Casa Civil, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em agosto de 2023.

BRASIL. **Fundação Nacional dos Povos Indígenas**. Brasília, gov.br, 1967. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br>>. Acesso em agosto de 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em agosto de 2023.

BORGES, Kássia. **Kássia Borges**. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia MG, Brasil, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/67592/36715>>. Acesso em setembro de 2023.

BORGES, Kássia. Arte e ancestralidade | Kássia Borges | Comunica Ciência #08. Minas Gerais, 19 de abril de 2023. Depoimento gravado no Canal do Youtube UFU. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lbX3xclB4ug>>. Acesso em agosto de 2023.

BORGES, Kássia. Vivências com indígenas iny (karajá) - diário de bordo/ ep. 3 - kassia borges. São Paulo, 2021. Canal do Youtube Museu do Índio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jeopi-Fwe9E>>. Acesso em setembro de 2023.

BORGES, Kássia. **Instagram**. Disponível em: <<https://instagram.com/kassiaborgess?igshid=NjIwNzlyMDk2Mg=>>>. Acesso em outubro de 2023.

COSTA, M.C.M.; FIGUEIREDO, M.C.; CAZENAVE, S.O.S. Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico. **Rev. Psiq. Clín.** 32 (6); 310-318, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpc/a/f3VKrzpFRRqBSST4VdbyX3j/#>>. Acesso em outubro de 2023.

DIEFENTHALER, Daniela da Rosa Linck. **Arte, imaginação e crianças**. Curitiba. Appris, 2017.

ESCOLARES, Atividades. **Alfabeto ilustrado com letra bastão**. Blogger template, 2023. Disponível em:<<https://atividades-escolares1.blogspot.com/2018/10/alfabeto-ilustrado-com-letra-bastao.html?m=1>> Acessado em 2023.

FARIA, Tales Bedeschi; SILVA, Vanginei Leite. **Artes do povo Xakriabá e a escola monoepistêmica: desafios metodológicos**. Revista GEARTE, Porto Alegre, 2020. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/103618/59198>>. Acesso em agosto de 2023.

IBÃ, Isaias Sales. **Nixi pae, O espírito da floresta**. Rio Branco, CPI/OPIAC, 2006.

ICONOGRÁFICOS, Equipe Brasileira. **Os Guaranis colonizados retratados por Debret**. Disponível em:<<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23411/os-guaranis-colonizados-retratados-por-debret>>. Acessado em 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, Companhia Das Letras, 2019. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf>. Acesso em agosto de 2023.

MAHKU, Coletivo. **Oficina educativa no Quintal | Desenhos-cantos com MAHKU**. São Paulo, 2022. No Canal do Youtube Casa de Cultura do Parque. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=FPUwh8u5t4w>>. Acesso em agosto de 2023.

MARQUES, Wilson. **A Festa da Onça**. São Paulo. Brinque-Book, 2022.

MIRA. Mira - Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas. Galeria de arte. Minas Gerais, 2015. Disponível em <https://www.facebook.com/MiraArtesVisuaisContemporaneasDosPovosIndigenas/photos/aiton-krenak-as-tr%C3%AAs-caravelas-krenak-brasil-91-x-70-x-3-cm-reservada/1074010459292546/?paipv=0&eav=AfYdDYnkbz3nLx6CyTixKWgRgw-VBxilpPXDC78QX5XTmAMWt8Rzj4RyE6m_3bln0jw&_rdr>. Acesso em 2023.

MONTEIRO, Liliane Santos. **Arte de ensinar e aprender educação infantil**. São Paulo, 2015 Disponível em:<<https://www.aartedeensinareaprender.com/2015/04/indio-articulado.html>>. Acessado em 2023.

MUNDURUKU, Daniel. Índio ou Indígena?. São Paulo, 2019. No canal do Youtube Daniel Munduruku. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=4Qcw8HKFQ5E>>. Acessado em 2023.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O trabalho do professor na educação infantil**. 2,ed, - São Paulo: Biruta, 2014. Acessado em 2023.

PINTADINHA, Galinha. **Dez Indiozinhos - Clipe Galinha Pintadinha DVD 1**. Canal do youtube Vidio diversos, 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D-aC9jcnhgM>>. Acesso em setembro de 2023.

RODRIGUES, Kléber. **A Primeira Missa no Brasil” e “Batalha dos Guarapa”:
Representação sobre os povos indígenas em pinturas de Victor Meirelles.**
Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/8157/6824>> .
Acessado em 2023.

SILVA, Vanginei Leite. **Nei Leite Xakriabá - Vanginei Leite Silva.** Artesol artesanato
solidário. Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.artesol.org.br/neileitexakriaba>>,
Acessado em setembro de 2023.

SILVEIRA, Juzelia de Moraes. Repensando as noções de infância para a docência em
artes visuais. **Revista Da FUNDARTE**, 2021. Disponível
em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/804/0>>
Acesso em setembro de 2023.

TUKANO, Daiara. Daiara Tukano Culturas indígenas (2017) – parte 1/2. Depoimento
gravado durante o evento Mekukradjá. **Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território.**
São Paulo: 2017. Canal Youtube Itaú Cultural. Disponível em:
<[https://www.youtube.com/watch?v=9e9J-VfracU&list=PLaV4cVMp_odz6HQTxtbmEG5
ZmcrIjHSsx&dex=36](https://www.youtube.com/watch?v=9e9J-VfracU&list=PLaV4cVMp_odz6HQTxtbmEG5ZmcrIjHSsx&dex=36)>. Acesso em setembro de 2023.

XAKRIABÁ, Nei Leite. Ensinar sem ensinar. **Revista PISEAGRAMA.** Belo Horizonte, n.
15 [conteúdo exclusivo online], dezembro de 2021. Disponível em:
<<https://piseagrama.org/artigos/ensinar-sem-ensinar/>>. Acesso em setembro de 2023.